

rebeca



Revista Brasileira
de Estudos de
Cinema
e Audiovisual

Festivais e mostras de cinema e audiovisual na Bahia: entre trajetórias e práticas de formação cultural

Milene de Cássia Silveira Gusmão¹

Tamara Chéquer Cotrim²

ANO 10. N. 2 – REBECA 20 | JULHO - DEZEMBRO 2021

¹ Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora do curso de Cinema e Audiovisual e do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

Email: mcs Gusmao@gmail.com

² Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

Email: tchequer@yahoo.com.br



Resumo

A reflexão que se apresenta resulta especialmente de investigações desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade e ao Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Tem como foco a dinâmica que viabilizou a ocorrência de festivais, jornadas e mostras de cinema na Bahia. Faz isso considerando a significativa atuação de agentes culturais como Walter da Silveira, Orlando Senna e Guido Araújo na organização e realização dos primeiros festivais de cinema na Bahia, na segunda metade do século XX, para compreender as condições que possibilitaram o significativo aumento desses eventos de difusão a partir dos anos 2000, com a ampliação das políticas de fomento para atividades culturais, considerando, inclusive, a continuidade de eventos que permaneceram, mesmo depois da fragilização das políticas culturais no Estado. Para isso, levanta a hipótese de que o desenvolvimento de um circuito de festivais na Bahia é tributário de uma cultura cinematográfica que se constituiu e se constitui a partir de encontros e interlocuções de experiências estéticas e reflexivas entre agentes de uma mesma geração e/ou de distintas gerações. Nesse sentido, considera que as ambiências de formação cultural, incluindo as atividades promovidas pelos próprios festivais, estruturam possibilidades de continuidade de trajetórias e práticas sociais de cinema na Bahia, incluindo as de exibição, que na contemporaneidade estão sob a regência de outros agentes culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Festivais; Mostras; Cinema na Bahia; Formação cultural.

Abstract

The present reflection results especially from investigations developed within the scope of the Research Group on Film and Audiovisual: memory and processes of cultural formation, part of the Postgraduate Program in Memory: Language and Society and the Film and Audiovisual Course, from State University of Southwest Bahia. It focuses on the dynamics that made possible the occurrence of festivals, journeys and cinema exhibitions in Bahia. It takes into account the significant role of cultural agents such as Walter da Silveira, Orlando Senna and Guido Araújo in organizing and holding the first film festivals in Bahia, in the second half of the 20th century. We do this in order to understand the conditions that enabled the significant increase in these events of diffusion from the 2000s onwards, with the expansion of development policies for cultural activities, and we even consider the continuity of events that remain to this day, despite the weakening of cultural policies in the state. We hypothesize that the development of a festival circuit in Bahia is tributary of a cinematographic culture that was constituted from and that constitutes encounters and interlocutions of aesthetic and reflexive experiences between agents of the same generation and/or of different generations. In this sense, it considers that as environments of cultural formation, including activities promoted by the festivals themselves, they structure possibilities for the continuity of trajectories and social practices of cinema in Bahia, including as an exhibition, which nowadays are under the regency of other cultural agents.

KEYWORDS: Festivals; Exhibitions; Cinema in Bahia; Cultural formation.



Introdução

Pode-se dizer que a constituição de dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia, além de articuladas aos trânsitos internacionais, estão marcadas pela presença de trajetórias e práticas tecidas pelos aprendizados geracionais e intergeracionais de cinema. Destacam-se aí os papéis dos encontros propiciados pelas sessões comentadas dos clubes de cinema, pelo papel da crítica, da circulação de revistas especializadas (incluindo as revistas estrangeiras), bem como pela realização de mostras e festivais, que, além da exibição selecionada dos filmes, proporcionam ao público atividades de cunho reflexivo e formativo.

Não por acaso, as oportunidades de aprendizado nesses espaços sociais fizeram-se expressivas na constituição de um certo cinema no país. Observa-se, especialmente entre os anos 1920 e 1960, que algumas continuidades nas aproximações entre intelectuais (religiosos ou laicos) e artistas estão ancoradas na compreensão comum de que cabia ao ser humano a construção de um mundo melhor, e de que o fazer artístico não poderia se furtar do compromisso humano e social. Leituras de biografias, jornais, livros, artigos, filmes e documentários relativos às trajetórias do cinema no país explicitam, tanto no âmbito da produção e da crítica quanto nos discursos públicos – por representantes de diferentes gerações e com projetos políticos às vezes distintos –, narrativas que sinalizam a formação marcada pelo humanismo, em suas diversas feições, de indivíduos envolvidos com o fazer cinematográfico. Embora as tensões e negociações decorrentes das disputas entre os mediadores socioculturais – instituições (Estado, Igreja, partido político) e agentes envolvidos em movimentos sociais (cineclubismo, movimento estudantil, entre outros) –, é possível constatar o interesse pelo cinema como um eficiente meio da ação cultural e pedagógica, especialmente por considerarem-no capaz de responder ao processo de desumanização implementado pelo mundo moderno.

Nessa ambiência, destaca-se o trabalho de cineclubistas e críticos como: Alex Viany, Antônio Moniz Vianna e Luiz Alípio de Barros, no Rio de Janeiro; Walter da Silveira, em Salvador; e Paulo Emílio Sales Gomes, em São Paulo. O trabalho desses críticos e cineclubistas viabilizou, no início dos anos 1950, a realização dos primeiros festivais de cinema de que se têm notícia no Brasil. A ação obstinada desses e de outros intelectuais e militantes do cinema criou condições para encontros entre agentes de diversas regiões do país, e também de outros países, estabelecendo redes de contato que compartilhavam a percepção do cinema como manifestação artística e cultural, ao tempo em que consideravam ser o consumo cinematográfico um meio para viabilizar a



manutenção ou a transformação de atitudes humanas e de condutas cotidianas (GUSMÃO, 2008, p. 148).

Alex Viany, Moniz Vianna e Luiz Alípio de Barros fundaram, em 1948, no Rio de Janeiro, então capital federal, o Círculo de Estudos Cinematográficos, que tinha estrutura de clube de cinema. Dois anos depois, como anota Leon Eliachar na coluna *takes* da revista *Scena Muda*³, ocorreu o Terceiro Festival Internacional de Curta-metragem, realizado pela primeira vez no Brasil em dezembro de 1950, numa parceria entre o Círculo de Estudos Cinematográficos do Rio de Janeiro e o Círculo Internacional de Cinema de Paris. Consta que foi participando dessa atividade no Rio de Janeiro, como convidado do Clube de Cinema da Bahia, que Walter da Silveira se inspirou para realizar, entre abril e maio de 1951, o Primeiro Festival de Cinema da Bahia, com o apoio da Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia e do Ministério da Educação, que cedeu um avião da Força Aérea Brasileira (FAB) para trazer os convidados do evento até Salvador (NOGUEIRA, 2020: 459).

Já o I Festival Internacional de Cinema do Brasil, realizado em São Paulo entre 12 e 26 de fevereiro de 1954 e concebido como parte das comemorações do IV Centenário da cidade, teve como principal articulador Paulo Emílio Sales Gomes, que acabava de retornar de Paris, onde residiu entre maio de 1946 e janeiro de 1954. Tendo participado, nesse período em que viveu na Europa, de diversas atividades ligadas ao cinema, incluindo a sua atuação como membro do júri em festivais de cinema como os de Cannes, Veneza e Bruxelas em 1947, retorna ao Brasil com a missão imediata de atuar à frente da organização do referido evento. A concepção do festival estava marcada pela relação entre cultura e comércio, e sua realização visava contribuir com o desenvolvimento do cinema brasileiro em suas características técnicas, artísticas e econômicas, seguindo o modelo dos festivais europeus que, naquele momento, encontravam-se em franca expansão. Relata Zanatto (2020: 105-106) que, embora o evento tenha sido pensado com o espírito da colaboração internacional e o método de escolha dos filmes tenha sido o mesmo do Festival de Cannes – no qual cada país indica seus representantes, modelo mais focado no alcance comercial dos filmes –, a programação do festival explicita a superioridade da parte cultural na relação com os programas mais comerciais, deixando entrever na escolha dos convidados e nos programas de história do cinema a preponderância das discussões acerca da cultura cinematográfica.

³ Revista *Scena Muda*, v. 30, n. 51, 21 de dezembro de 1950. Museu Lasar Segall, Biblioteca Jenny Klabin Segall. Disponível em: <http://mls-navegador.herokuapp.com/navegador?total=1&PDFS=s195012300051f003.pdf>. Acesso em: 19 de julho de 2021.



São desses três eventos os primeiros registros que encontramos da chegada dos festivais de cinema ao Brasil. Neles percebe-se, além da íntima relação entre as práticas de cineclubismo e a realização de festivais e mostras, a rede relacional que comparece tanto no âmbito nacional como internacional, contribuindo fortemente na formação de uma cultura cinematográfica no país. Fator preponderante para compreendermos o que mais à frente passaremos a denominar como circuitos alternativos de exibição.

Certamente não é nossa pretensão discorrer sobre todos os festivais de cinema realizados no Brasil a partir dos anos 1950, porém retomar alguns destes diz respeito ao nosso interesse em compreender as condições de possibilidades que viabilizaram, no decorrer da segunda metade do século XX, a continuidade, a permanência e a ampliação dos festivais de cinema no ambiente cultural do país, a participação da Bahia nesse contexto, especialmente pela presença de Walter da Silveira, Guido Araújo e representantes da geração do Cinema Novo no desenvolvimento e promoção de tais eventos.

Neste breve artigo, recorreremos inicialmente à realização dos primeiros festivais de cinema na Bahia, bem como às trajetórias dos seus principais organizadores, observando as condições que possibilitaram a realização dos referidos eventos. Em segundo lugar, consideramos que a continuidade e a ampliação dos festivais na Bahia são tributários da cultura cinematográfica que se desenvolve principalmente mediante a realização das sessões do Clube de Cinema da Bahia, em seus vinte anos de atuação; das atividades promovidas durante as quatro décadas das Jornadas de Cinema da Bahia; bem como do papel da crítica de cinema; e claro, da articulação que se faz entre esses dois âmbitos com a produção de filmes. Finalmente, para compreendermos a ampliação e a permanência de mostras e festivais na Bahia a partir dos anos 2000, observamos as relações que se estabeleceram entre os agentes formuladores de políticas culturais e as ações de organizadores dos eventos de difusão audiovisual. Na perspectiva aqui delineada, trata-se de destacar o trabalho do Ministério da Cultura, nos períodos Gilberto Gil, Juca Ferreira e de Orlando Senna na Secretaria do Audiovisual, agentes responsáveis pela discussão e implantação de políticas públicas no âmbito do cinema e audiovisual no país, com o grupo de trabalho da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia a partir de 2007, sob a gestão de Márcio Meirelles.

Visando dar conta de tal proposição, o texto está ancorado teoricamente por reflexões demarcadas pelo campo da sociologia da cultura, inspiradas pelos modelos conceituais de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, que consideram as redes relacionais humanas no fluxo do tempo, observadas as interdependências e também as interações entre as estruturas sociais, as práticas e as trajetórias coletivas e individuais no espaço



de possibilidades (BOURDIEU, 1996, 1996a). Isso significa pensar na inter-relação entre determinadas estruturas humanas, objetivadas socialmente nas instituições e nos projetos coletivos, por exemplo, e o lugar que os indivíduos ocupam com seus anseios e atos nessa constelação de relações (ELIAS, 1994, 2006). E, nesse caminho analítico, perceber como são possíveis as atividades para as quais se torna necessária uma mobilização que não é só institucional, mas também não é só individual, que também está permeada por um quadro histórico-social no qual comparecem instituições e pessoas envolvidas na tessitura de trajetórias e práticas culturais.

Tal compreensão nos possibilita reconhecer que as ambiências de sociabilidade são constitutivas das dinâmicas do cinema, onde também se realizam os aprendizados e se estruturam as possibilidades de continuidade ou de descontinuidade da realização de certas práticas sociais de cinema na Bahia, incluindo as dos eventos de difusão/exibição, como as que acompanhamos surgir no início dos anos 2000.

Para isto, mobilizamos neste artigo parte dos resultados da pesquisa intitulada “Circuitos alternativos de exibição: um mapeamento a partir das políticas públicas de incentivo para cineclubes, mostras e festivais na Bahia contemporânea”, trabalho desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa em Cinema e audiovisual: memória e processos de formação cultural. O referido grupo toma como questão analítica a configuração contemporânea do cinema e as relações interdependentes dos processos sociais que o constituem, considerando tanto os fluxos entre os diferentes agentes e instituições no desenvolvimento das práticas, quanto as condições de transmissividade, entre as gerações, dos saberes e fazeres relacionados à produção e ao consumo cinematográfico, especialmente aquele realizado em espaços alternativos de exibição. Ademais, mobilizamos as análises realizadas no âmbito da pesquisa de mestrado intitulada “Festivais e Mostras de Cinema na Bahia Contemporânea” (COTRIM, 2017), que tratou das condições de possibilidade de realização e permanência desses eventos de difusão de cinema na Bahia, a partir dos anos 2000, recortando a trajetória do Panorama Coisa de Cinema, em Salvador, e da Mostra Cinema Conquista, em Vitória da Conquista.

Primeiros festivais na Bahia

O I Festival de Cinema da Bahia, realizado entre os dias 28 de abril e 06 de maio de 1951⁴, ocorre como celebração dessa ambiência de formação de uma cultura cinematográfica que já se desenvolvia na capital baiana há quase um ano, sob o

⁴ As informações sobre o festival estão publicadas no *Diário de Notícias* e no jornal *A Tarde* de 28 de abril de 1951. Porém a maior cobertura jornalística foi realizada pelo *Diário de Notícias*, que publicou notícias sobre o festival entre os dias 24 de abril e 06 de maio de 1951.



comando de Walter da Silveira. A sessão de instalação do festival ocorreu no Cine Guarani, em Salvador, com programação diária que se iniciava pela manhã, passava pela tarde e culminava, à noite, com a exibição de longas-metragens. Entre os filmes longas-metragens, estavam *Nanook, o esquimó* (1922), de Robert Flaherty, e *O martírio de Joana D'Arc* (1928), de Carl Dreyer⁵. Houve premiação e apoio cedidos pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia⁶ para melhor filme, e outros prêmios para as categorias de melhor argumento, melhor fotografia e melhor montagem. Teve caráter competitivo para os curtas-metragens. Nessa categoria, exibiu filmes de diversos países (além do Brasil, também da Polônia, França, Canadá, Itália, Inglaterra, Austrália e Holanda), subdivididos em categorias: filmes científicos, filmes poéticos e experimentais, reportagens, documentários, filmes sobre arte, dramáticos, históricos e animações. A programação incluía conferências e mesas-redondas, como a conferência “O cinema americano”, proferida por Vinicius de Moraes, e a mesa-redonda “O cinema nacional”, que contou com a participação de Vinicius de Moraes, Alberto Cavalcanti, Alex Viány e Luiz Alípio de Barros, presidente do Círculo de Estudos Cinematográficos do Rio de Janeiro (GUSMÃO, 2008: 233-234).

Comenta Nogueira (2020: 459) que o festival foi um evento de grande repercussão, tanto pelas oportunidades de encontro e possibilidades reflexivas que se delinearam sobre o cinema brasileiro, como por inserir Salvador numa cena emergente da crítica e do cinema realista vigentes no Rio de Janeiro e em São Paulo, além de estimular a realização de filmes na Bahia.

Em Salvador, entre os anos 1940 e 1960, a convivência entre as gerações, propiciada especialmente pela ambiência universitária e pela promoção de atividades educacionais e culturais, potencializou significativos encontros entre a geração de Edgar Santos, Anísio Teixeira, Jorge Amado e Walter da Silveira, entre outros, com a geração de Glauber Rocha, Guido Araújo, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Orlando Senna e muitos outros envolvidos tanto no movimento do Cinema Novo como no da tropicália. No que diz respeito às experiências de cinema, nesse período, a figura emblemática no processo de formação cinematográfica na Bahia foi Walter da Silveira. O trabalho desenvolvido pelo cineclubista tornou-se referência dentro e fora do Estado, como podemos constatar mediante as anotações de Paulo Emílio (GOMES, 1981) quando se

⁵ Durante o festival, foram exibidos outros filmes de longa-metragem: *O silêncio é de ouro* (1947), de René Clair, *Sob o sol de Roma* (1948), de Renato Castellani, *Três dias de amor* (1949), de René Clément, e a antologia *Filme e realidade* (1942), que contou com o comentário do diretor Alberto Cavalcanti após a exibição.

⁶ Consta na programação do Festival, publicada no Vol. 3 da Coletânea de textos de Walter da Silveira, que este teve o patrocínio da Superintendência de Difusão Cultural da Secretaria de Educação do Estado. Vale lembrar que em 1951, Anísio Teixeira era o secretário de Educação e Saúde do Estado.



refere à herança dos saberes e fazeres de cinema entre as gerações, e à importância do trabalho desenvolvido por Walter da Silveira na Bahia:

Comparei-o um dia, numa alocação improvisada, a Francisco Luiz de Almeida Salles, Paulo Fontoura Gastal e Jacques do Prado Brandão. Vejo cada vez com maior nitidez a semelhança da função social e intelectual exercida pelo baiano, pelo paulista, pelo gaúcho e pelo mineiro. Nenhum é membro da corporação cinematográfica, mas em suas vidas cinema não é passatempo. A ele já dedicaram dez, quinze ou vinte anos de contínuas preocupações, porém não são maníacos. Em seus universos artísticos, intelectuais e sociais o cinema é parte integrada a um todo maior de romance, pintura, poesia, música, ciência e sociologia, onde pulsam os dramas das classes, da nação e do mundo. Para Walter da Silveira, Almeida Salles, P. F. Gastal ou Jacques do Prado Brandão a ação cinematográfica não é, finalmente, compensação psicológica para a mediocridade do existir. São todos homens realizados profissionalmente, intelectualmente, socialmente cercados de prestígio em suas comunidades. Dão muito mais ao cinema do que este lhes dá. Walter, Almeida Salles, Gastal, Jacques e, neste ponto, eu próprio, somos herdeiros de Otávio Faria, Plínio Sussekind Rocha, Vinícius de Moraes, Aloysio Bezerra Coutinho, San Thiago Dantas e outros pioneiros da geração do Chaplin Club. Coube-nos a tarefa de participar de forma direta no processo, ainda em curso, através do qual as elites brasileiras estendem ao cinema a dignidade reservada habitualmente às formas mais tradicionais de atividade artística e intelectual (GOMES, 1981: 401-402).

Decorrente dessa ambiência ainda marcada pela atuação do Clube de Cinema da Bahia, mais de dez anos depois, entre os dias 22 e 28 de outubro de 1962, ocorreu em Salvador outro evento de difusão cinematográfica, também intitulado I Festival de Cinema da Bahia. Promovido numa parceria entre o Departamento de Turismo, os Cinemas de Salvador S.A., a Associação de Críticos de Cinema da Bahia (ACCB) e a Fratelli Vita, o festival ocorreu como parte das comemorações em homenagem ao jubileu de ouro do jornal *A Tarde*. A intenção foi possibilitar o encontro entre diretores,



produtores, críticos e atores do país para apreciar e debater o novo cinema brasileiro, viabilizando desta maneira o primeiro grande encontro do cinema baiano com a filmografia de outros Estados do país. Orlando Senna, então presidente da ACCB, assumiu a secretaria geral da comissão organizadora do festival, que, além dele, contava com a participação de Jorge Calmon, Vasconcelos Maia, Geraldo Portela, José Augusto Berbert de Castro e Francisco Pithon. Participaram da competição do festival filmes brasileiros de longas e de curtas-metragens. A categorização dos filmes foi dividida em: *hors-concours*, longas-metragens e curtas-metragens. Foram premiados os melhores filmes e o melhor diretor, argumentista, fotógrafo, ator, atriz, ator coadjuvante e atriz coadjuvante, nas categorias de longa e de curta-metragem. Além da mostra competitiva, a programação do evento teve conferências e debates, como o promovido na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia com o título: “Existe um cinema brasileiro?”. A proposição desse tema partiu de Walter da Silveira, que participou do debate ao lado de Glauber Rocha, Orlando Senna, Paulo Gil Soares, Ruy Guerra e do cineasta sueco Arne Suksdorff, que declarou ter notado no Brasil a presença de um espírito de luta e de nacionalização que demonstrava a existência de um cinema brasileiro. O júri do festival, composto por Carlos Coqueijo Costa, Hamilton Correia, Ruy Guerra, José Augusto Berbert de Castro, Mário Cravo Júnior, Walter da Silveira e Rosalvo Barbosa Romeu, escolheu *O assalto ao trem pagador* (1962), de Roberto Farias, como melhor filme. Roberto Pires recebeu o prêmio de melhor diretor por *Tocaia no asfalto* (1962). Na categoria curta-metragem, foram premiados *Aruanda* (1960), de Linduarte Noronha, e *Menino de calça branca* (1962), de Sérgio Ricardo. Ao término da competição, Glauber Rocha declarou que o festival tinha ultrapassado todas as expectativas ao despertar o interesse do público e provocar polêmicas necessárias ao êxito de qualquer evento cinematográfico, elogiando o empenho do grupo da ACCB na realização do festival⁷.

Sobre o festival, Paulo Emílio escreve em novembro de 1962, no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, uma crítica intitulada “Calor da Bahia”. Comenta sobre o grau de improviso do primeiro festival de cinema brasileiro na Bahia, relacionando ao acaso do encontro de responsáveis pelo turismo em Salvador com os donos do jornal *A Tarde*. Os primeiros estavam convencidos de que a atividade cinematográfica na Bahia se constituía em boas oportunidades para o fluxo turístico na cidade, e os homens de imprensa consideraram que uma atividade de promoção do cinema brasileiro traria um certo glamour para uma festa de aniversário. Mas, ao tratar

⁷ Essas e outras informações sobre o referido festival constam da ampla cobertura que o jornal *A Tarde* dedicou ao evento entre 17 e 29 de outubro de 1962.



das relações que constituíam o interesse baiano na realização cinematográfica fez as seguintes observações:

Todo nascimento tem algo de improvisado e o aparecimento do festival da Bahia possui muitas semelhanças com a eclosão do próprio cinema baiano. Tudo começa com os encontros ocasionais na aparência. É a conversa de esquina de um agente imobiliário que gosta de escrever histórias com um crítico não-conformista, são os dois que partem à procura de um jovem apaixonado há muito tempo pelos problemas técnicos do cinema e assim por diante. Mas a parecença maior entre um fato e o outro está no espírito com que agem os promotores de filme ou de festival. O que os caracteriza é a impaciência, a pressa, é a deliberação de fazer, talvez mal e errado, mas já. Se os resultados são melhores do que seria de se esperar isso se deve ao fato de a improvisação agir em terreno já bastante trabalhado. [...] No que toca ao festival o ambiente não poderia ser mais favorável ao empreendimento, mesmo improvisado. Reina na Bahia uma euforia, uma ebulição cinematográfica de que não temos muita idéia aqui no sul (GOMES, 1981: 427-429).

As anotações de Paulo Emílio sobre o festival revelam o encadeamento de ações da rede tecida pelo cinema na Bahia, demonstrando que, à articulação entre os interesses do turismo e da comemoração de aniversário do jornal *A Tarde*, juntava-se o objetivo dos críticos em promover um espaço para divulgação do cinema brasileiro na capital baiana. E por isso a sua realização acaba sendo o ponto culminante de um trabalho que já vinha sendo desenvolvido pela ACCB, desde 1960, sob o comando dos críticos Hamilton Correia e Orlando Senna, com a promoção de uma campanha nos principais meios de comunicação da cidade, especialmente os jornais e as estações de rádio, em prol do cinema nacional. Nesse momento o Clube de Cinema da Bahia já somava mais de dez anos de atuação, e à trajetória de Walter da Silveira se somava reconhecimento:

Tudo o que está havendo no [sic] Salvador em matéria de cinema se vincula, com efeito, às atividades críticas de Walter e ao Clube de Cinema que fundou há mais de dez anos e dirige até hoje. Em toda parte diretores, argumentistas e, sobretudo críticos, têm sua formação impregnada pelo



movimento de cultura cinematográfica, mas só na Bahia encontrei produtores cuja escola foi o Clube de Cinema. Uma conversa com Palma Neto, Rex Schindler ou Braga Neto é suficiente para nos fazer compreender que esses homens são movidos, ao sacrificar parcialmente ou totalmente as atividades comerciais a que se dedicavam anteriormente, por impulsos mais complexos que simplesmente ganhar dinheiro (GOMES, 1981: 402).

Observa-se nessa rede relacional que se desenvolveu com o ingresso de Walter da Silveira no âmbito cinematográfico na Bahia dos anos 1950, por meio das sessões do Clube de Cinema e da crítica cinematográfica publicada nos diversos jornais e revistas da cidade e do país, desdobramentos que vão desde a influência na formação cinematográfica da geração baiana do Cinema Novo, até a continuidade das atividades realizadas no âmbito do cinema em Salvador depois de sua morte, quando Guido Araújo já retornara da Tchecoslováquia e assumira a rearticulação das sessões do Clube de Cinema – e, depois, instituindo a Jornada Internacional de Cinema da Bahia.

Vale lembrar trajetórias que foram possíveis a partir das vivências de cinema em Salvador entre os anos 1950 e 1960, para pessoas que fizeram do cinema a sua principal ocupação na vida, como foi o caso de Orlando Senna, principal articulador do festival realizado em 1962, que entre 2002 e 2007 respondeu pela Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura. Em se tratando da formação cinematográfica, a trajetória de Orlando Senna explicita o elo relacional entre os aprendizados vivenciados ainda na juventude e a concepção adotada na maturidade para a gestão do cinema e do audiovisual no país. Sobre o assunto, fez a seguinte declaração:

Minha formação básica foi constituída no Clube de Cinema da Bahia, do Dr. Walter da Silveira. Um cineclubista histórico para a geração dos anos 60, incluindo Glauber Rocha. Devo o meu interesse por cinema a essa intensa formação que recebi participando do Clube de Cinema. Em seguida, já durante os anos 70, participei como entusiasta do movimento cineclubista, nada além disso. E nesse momento, como Secretário do Audiovisual estou fazendo um esforço muito especial para que o cineclubismo renasça no Brasil e volte a ter a importância que teve em tempos passados, para resgatar a importância da formação e ascender as pessoas



para a cultura de cinema e a própria atividade cinematográfica.⁸

Depois da morte de Walter da Silveira, em novembro de 1970, Guido Araújo retoma as atividades do Clube de Cinema, reativando-o em 1971, no auditório da Biblioteca Central, atividade que logo teve que ser transferida de local em função dos problemas técnicos da construção da biblioteca, passando a funcionar no Cine Rio Vermelho, às sextas-feiras. Conta Guido que junto com a reativação do Clube de Cinema resolveu promover, no Cine Bahia, na Rua Carlos Gomes, no turno matutino, durante uma semana, uma retrospectiva de 10 anos do cinema baiano. Para ele, mais importante que as exibições dos filmes realizados na Bahia, foi a possibilidade de “reaglutinar todo o pessoal que fazia cinema em Salvador⁹”. Oportunidade essa que viabilizou a realização da Primeira Jornada Baiana de Curta Metragem, em janeiro de 1972, com a exibição de 10 filmes e realização de seminários para discutir questões do cinema, da televisão e do mercado. Em 1973, a jornada ampliou o seu escopo, passando a se chamar Jornada Nordestina de Curta Metragem, e foi realizada no espaço do Instituto Goethe. Nesse período, os festivais praticamente tinham desaparecido, em função do momento político pouco favorável à realização desse tipo de evento. Até o mais importante festival do país, o de Brasília, tinha parado. A II Jornada, apesar de ser nordestina, teve na realidade uma ampla participação nacional e foi uma das mais produtivas de toda a história do evento. Naquele período em que os cineastas e cineclubistas já não dispunham de possibilidades para grandes encontros, a Jornada da Bahia, realizada num espaço resguardado pelas relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha, se tornou a alternativa para os cineastas e cineclubistas mais combativos do país se encontrarem – tanto para exibição dos filmes, como para discussões e encaminhamentos políticos do cinema no país. Em função disso, a III Jornada passou a ter uma dimensão nacional, agora intitulada Jornada Brasileira de Curta Metragem. Outro acontecimento significativo que ocorreu na segunda edição da Jornada foi a criação da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD), no dia 11 de setembro de 1973. No ano seguinte, o evento já estava consolidado no calendário cultural do país. Em sua 14ª edição, realizada em 1985, tornou-se internacional, passando a intitular-se Jornada Internacional de Cinema da Bahia. Findou suas atividades em 2012, totalizando 39 edições (GUSMÃO, 2008: 254-5).

⁸ Declaração prestada em entrevista à Revista Cineclubebrazil, n. 2, em abril de 2004.

⁹ Entrevista de Guido Araújo concedida a Nelson Rios, publicada na Revista da Bahia, nº 25, de dezembro de 1997. Edição comemorativa dos 100 anos de cinema.



Somente 22 anos depois da Jornada de Cinema da Bahia, consolidada no circuito de festivais do Brasil, outro evento de exibição cinematográfica surge em Salvador: o Festival de Vídeo – A Imagem em 5 Minutos. Realizado a partir 1994, como iniciativa da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Funceb) mediante a Diretoria de Audiovisual (Dimas), objetivou incentivar a produção audiovisual em curto formato realizada na Bahia. O então “o Festival 5 minutos” marcou a história do audiovisual baiano nos seus 16 anos de realização, promovendo mostras compostas por vídeos que concorriam a premiações em dinheiro. Em pouco tempo cresceu e, a partir de sua terceira edição, abriu-se a produções de outros estados, proporcionando um intercâmbio entre realizadores de todo o país. Disponibilizou em suas edições, nas salas de exibição Walter da Silveira e Alexandre Robatto, programações que incluíram mostras de vídeos e *games*, seminários, palestras, exposições e oficinas, com acesso gratuito, tanto em Salvador como no interior do estado.

Festivais na Bahia a partir dos anos 2000

A partir de 2003, quando Gilberto Gil assume o posto de Ministro da Cultura e Orlando Senna o de Secretário do Audiovisual, novos ânimos movimentam as ambiências culturais na Bahia. No que diz respeito às questões do cinema e do audiovisual, houve uma maior mobilização quando, em 2004, foi lançado o projeto de lei para a criação da Agência Nacional do Cinema e do Audiovisual (Ancinav), encaminhado em forma de minuta pelo Ministério da Cultura ao Conselho Superior de Cinema. Embora o projeto de lei não tenha alcançado aprovação, alcançou o êxito de agendar a pauta dos mais diversos meios de comunicação acerca das questões do audiovisual. Além de viabilizar um amplo debate nos meios acadêmicos e artísticos, gerou inúmeras demandas de financiamento ao Ministério da Cultura, que, por sua vez, instituiu políticas de fomento amplamente ancoradas em editais públicos para projetos culturais.

Na esfera estadual, o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu o governo do Estado da Bahia em 2007, tendo à frente o governador Jaques Wagner e inaugurando um novo ciclo de governo. Tal configuração potencializou o alinhamento de princípios que passaram a orientar a formulação das políticas culturais inauguradas pelo governo do PT, a partir de 2003, em nível federal. Esse alinhamento materializou-se, sobretudo, na forma de financiamento priorizada pelo Estado para fomentar a produção cultural, qual seja: a política de editais. O referido mecanismo de financiamento se configurou como o principal instrumento para o fomento à produção cultural e se ampliou como prática de fomento não apenas no âmbito do Ministério da Cultura, mas também entre os estados e municípios.



No que se refere ao segmento do audiovisual, entre 2007 e 2017, os editais foram os principais mecanismos de financiamento utilizados pelo Estado para fomentar os diversos elos da cadeia produtiva do setor (produção, distribuição, divulgação, exibição e preservação). Ainda que o Programa Estadual de Incentivo ao Patrocínio Cultural, o Fazcultura, tenha sido também um mecanismo acionado para financiamento do audiovisual baiano (sobretudo no segmento da produção de obras cinematográficas), os distintos modelos de editais lançados pelo governo, via Fundo de Cultura, constituíram-se numa das principais fontes de financiamento para o mercado audiovisual baiano.

Se até o início dos anos 2000, na Bahia, se conhecia as ações de quatro festivais (o I Festival de Cinema da Bahia em 1951, o I Festival de Cinema da Bahia, em 1962, a Jornada de Cinema da Bahia e o Festival 5 Minutos), nos primeiros seis anos do novo século, quatro novos eventos compareceram com suas atividades no Estado, quais sejam: Panorama Internacional Coisa de Cinema, Festival Cine Futuro, Arraial Cine Fest e Mostra Cinema Conquista, sendo que os dois últimos eventos foram os primeiros sediados no interior da Bahia.

Foi nesse contexto de ampliação dos festivais que se realizou, no âmbito do Grupo de Pesquisa Cinema e Audiovisual: memória e processos de formação cultural, vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), a pesquisa intitulada “Circuitos alternativos de exibição: um mapeamento a partir das políticas públicas de incentivo para cineclubes, mostras e festivais na Bahia contemporânea”. Entre os anos de 2013 e 2016, foram feitas entrevistas em vídeo e aplicados questionários com os organizadores e/ou produtores dos eventos, mapeadas informações sobre os editais de financiamento e levantados registros de divulgação das atividades nas redes sociais, especialmente das mostras e festivais em atividade. O banco de dados constituído pela pesquisa inclui informações acerca do perfil dos entrevistados, sobre as atividades de formação realizadas por cada evento em suas trajetórias e sobre os perfis de exibição de cada evento, incluindo as curadorias das programações fílmicas. O propósito foi mapear a realização desses eventos de difusão, partir do fomento das políticas públicas para o audiovisual, considerando o alinhamento que comparece na formulação das proposições das políticas de incentivo delineadas pelo Ministério da Cultura e pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, especialmente para os festivais e as mostras de cinema, entre 2004 e 2014 (GUSMÃO, 2013).

Pode-se observar, a partir da organização dos dados da referida pesquisa, conforme descrição no quadro 1, que a Bahia acompanhou a tendência nacional, registrando um crescimento da ocorrência de festivais e mostras de cinema. Foram 22



eventos realizados até 2014¹⁰, ressaltando os que se realizaram em mais de uma edição. Desses eventos, apenas oito se mantiveram ativos até 2019, e todos tiveram interrupções em suas periodicidades. Os mais longevos do circuito estadual são o Arraial Cine Fest, a Mostra Cinema Conquista e o Panorama Internacional Coisa de Cinema, com respectivamente, 10 edições, 14 edições e 15 edições em 2019, e todos se iniciaram antes de 2007.

Nota-se ainda, de acordo com os dados do quadro 2, que em 2011 houve uma significativa ampliação de eventos no circuito baiano, fenômeno favorecido, como já registramos, pela implementação de políticas públicas culturais que se iniciaram em 2007, período marcado pelos lançamentos dos editais na área: Setorial Audiovisual, Demanda Espontânea e de Eventos Calendarizados, tendo como mecanismo de fomento o Fundo de Cultura da Bahia – FCBA¹¹ – instituído em 2005. Compreende-se que esses resultados dizem respeito a um ciclo político específico, com a vigência do governo de Jaques Wagner (2007-2014) e dos secretários de cultura Márcio Meirelles (2007-2010) e Albino Rubim (2011-2014), período no qual se observou medidas para viabilizar uma reorganização do setor da cultura no estado, inclusive com a recriação de um órgão específico – a Secretaria de Cultura do Estado¹², como produto de remanejamentos que vinham sendo desenvolvidos em âmbito federal desde 2003 (VIEIRA; GUSMÃO, 2017). A seguir apresentamos as informações gerais dos eventos e os registros das últimas edições:

¹⁰ Não estão inseridos nesse número os festivais e mostras de cinema que ocorreram em apenas uma edição, bem como os de caráter estudantil, ou seja, escolar e universitário.

¹¹ Os recursos do FCBA são disponibilizados pela Fundação Cultural do Estado da Bahia (FUNCEB), a Fundação Pedro Calmon (FPC), Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC) e o Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia (IRDEB).

¹² A Secretaria de Cultura foi separada do Turismo em 28 de dezembro de 2006, mediante a Lei Nº 10.549, ato político que representou uma mudança significativa sobre a forma de conceber e gerir a cultura na Bahia. No sentido da recriação, torna-se importante registrar que em 15 de julho de 1987, o então governador Waldir Pires criou pela primeira vez uma secretaria específica para gerir a cultura no Estado. O novo órgão foi instituído com a Lei 4.697 e tinha a proposta de “preservar a memória e a tradição do Estado, fomentar as ações culturais dos segmentos da sociedade e fornecer condições para o livre desenvolvimento das ações culturais”. Informações disponíveis no site:

<http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=17>. Acesso em 16.11.2021.


QUADRO 1 – Quadro geral de eventos da Bahia até o ano de 2014

Nº	Evento	Início – 1ª edição	Nº de edições (até o ano de 2014)
1	Arraial Cine Fest (Salvador)	2006	6ª edição 2013
2	Animai (Salvador)	2007	4ª edição – 8 a 14 de agosto de 2010
3	Bahia Afro Film – BAFF (Salvador)	16 a 21 de dezembro de 2008	5ª edição – 4 a 8 de dezembro de 2013
4	CachoeiraDOC (Cachoeira)	2010	5ª edição 2014
5	Cine Capão (Vale do Capão)	Não foram encontrados dados	5ª edição – 5 a 10 de março de 2012
6	Cine Kurumin (Aldeia Tupinambá Serra do Padeiro - Sul da Bahia)	2011	3ª edição – 2011
7	Cinema nas Escadarias do Passo (Salvador)	Não foram encontrados dados	3ª edição – 29 de fevereiro a 28 de março de 2012
8	Cinemulti Itacaré (Itacaré)	30 de abril a 29 de maio de 2011	2ª edição – 17 a 21 de abril de 2015
9	Curta Vale – Festival de Curtas do Vale do Jacuípe (Riachão do Jacuípe)	19 a 21 de setembro de 2013	2ª edição – 25 a 27 de setembro de 2014
10	FECIBA (Ilhéus)	2011	4ª edição 2014
11	Festival de Curta-Metragem de Itapetinga (Itapetinga)	2009	6ª edição – 15 de novembro de 2014
12	Festival 5' (Salvador e outros)	1994	16ª edição 2014
13	Jornada Internacional de Cinema da Bahia (Salvador)	1972	39ª edição 2012
14	Mostra Cinema Conquista (Vitória da Conquista)	2004	10ª edição 2014
15	Mostrinha de Cinema Infantil (Vitória da Conquista)	2010	5ª edição 2014
16	Mostra de Cinema de Poções (Poções)	2011	2ª edição – 15 a 17 de março de 2013
17	Mostra de Cinema e Vídeo de Seabra (Seabra)	Não foram encontrados dados	6ª edição – 8 a 11 de novembro de 2012
18	Mostra Possíveis Sexualidades (Salvador)	2008	7ª edição – 23 a 28 de setembro de 2014
19	Panorama Internacional Coisa de Cinema (Salvador)	2002	10ª edição 2014
20	Semana do Audiovisual – SEDA (Vitória da Conquista)	15 a 18 de março de 2011	3ª edição – 25 a 28 de julho de 2013
21	Seminário Internacional de Cinema – Festival CineFuturo* (Salvador)	2005	8ª edição 2012
22	Vale Curtas (Juazeiro/Petrolina)	2007	7ª edição 2014

Destacamos, para o que aqui nos interessa ressaltar, o edital dos eventos calendarizados, linha de apoio plurianual lançada pela primeira vez no ano de 2012, que



teve como objetivo possibilitar uma maior estabilidade aos eventos¹³ que se realizavam com certa regularidade na Bahia. O edital estipulava o apoio por até 3 edições, renováveis por mais duas, visando consolidar o calendário cultural do Estado, proporcionando a execução dos eventos selecionados com investimentos entre R\$ 99.940,00 e R\$ 300.000,00 por ano de realização. Dos festivais de cinema que foram aprovados no citado edital, dois tinham mais de cinco anos de realização, porém não de forma contínua, e um tinha dois anos de realização, quais sejam: Panorama Internacional Coisa de Cinema, a Mostra Cinema Conquista, aprovados em 2012 e 2016, e o CachoeiraDoc, aprovado somente em 2012. Vale destacar que os dois últimos festivais estão sediados no interior do estado, em Vitória da Conquista e Cachoeira, respectivamente.

Outra observação que se faz necessária quando se trata desses dois festivais é o fato de que ambos estão ancorados em instituições universitárias. A Mostra Cinema Conquista, desde a sua primeira edição contou com a parceria da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista e da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, inicialmente mediante a atuação do Programa Janela Indiscreta, e posteriormente também pode contar com o grupo de trabalho curso de Cinema e Audiovisual. O CachoeiraDoc, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, mediante atuação do bacharelado em Cinema e Audiovisual. Outros festivais e mostras ocorreram ampliando o circuito no interior do estado: se até 2006 contávamos com dois eventos, em 2014 esses já somavam treze.

QUADRO 2 – Evolução quantitativa dos festivais e mostras até o ano de 2014¹⁴

Ano	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Nº de eventos surgidos por ano	1	0	1	1	1	2	2	1	2	5	1	1	0

Acredita-se que a ampliação do circuito para o interior do estado se deu por duas principais razões, que caminham juntas. Uma diz respeito à crescente formação dos agentes culturais de diferentes regiões, ao longo do tempo possibilitada pelas vivências

¹³ O referido edital objetivou a formação de um calendário cultural no Estado. Mais informações encontram-se no site <<http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=33>>. Acessado dia 20 de setembro de 2021.

¹⁴ O Cine Capão (Vale do Capão), a Mostra de Cinema e Vídeo de Seabra (Seabra) e o Cinema nas Escadarias do Passo (Salvador) não foram contabilizados porque não foram encontrados documentos que comprovassem a data de início de cada um desses eventos.



em atividades práticas e pela ampliação da oferta de cursos de capacitação e formação em artes e gestão cultural, também realizados no interior do Estado. A outra refere-se à implementação das políticas culturais de territorialização da cultura, que elegeu os chamados “territórios de identidade”¹⁵ para composição dos editais, que passaram a ter normas e cotas para cada território de identidade, proporcionando uma descentralização dos recursos para a cultura e visando evitar uma concorrência desequilibrada entre os projetos da capital e os do interior.

Além disso, torna-se relevante considerar, como faz Erick Hobsbawm (2013: 60-61), que apenas a análise econômica sobre os festivais não nos leva muito longe na tarefa de compreendê-los, especialmente quando se percebe que atualmente muitos festivais florescem em cidades de pequeno e médio porte. Para Hobsbawm, iniciativas culturais como os festivais requerem um “espírito comunal”, o que significa não apenas um senso de interesses e sentimentos comuns, mas também possibilidades de autoexpressão coletiva pública, uma vez que a apreciação da arte não é uma experiência privada, mas sobretudo social e política.

Festivais e mostras pós 2014

Dos vinte e dois eventos que surgiram na Bahia até 2014, como é possível observar no Quadro 3, apenas três deles seguiram ativos até 2019, mesmo sofrendo interrupções eventuais nas suas periodicidades, o que se deu, conforme depoimentos dos seus organizadores (COTRIM, 2017), principalmente pela impossibilidade na captação de recursos. Dois eventos aconteceram só mais uma vez – Cine Futuro e a Mostrinha de Cinema Infantil – e outros três se realizaram, no máximo, mais três edições – CachoeiraDoc, Cine Kurumin e Festival de Cinema Baiano - FECIBA¹⁶. Importante notar que, entre 2014 e 2019, houve uma fragilização na política dos editais estaduais, antes anuais, ocorrendo somente o de calendarizados em 2016 e dois editais setorial audiovisual em 2017 e 2019, o que leva à percepção da importância dos editais estaduais de fomento da área, não somente para o surgimento dos novos eventos, mas também para a permanência dos mesmos no calendário cultural do Estado.

¹⁵ Atualmente a Bahia possui vinte e sete territórios culturais ao todo, constituídos a partir de especificidades de cada região que vão além de um espaço geográfico delimitado por regras político-administrativas (formados por um conjunto de elementos diversos: ambientais, sociais, culturais, econômicos e políticos).

¹⁶ Atente-se para o fato que o CachoeiraDoc e o FECIBA retomam suas atividades no ano de 2020, de maneira online.


QUADRO 3 – Eventos ativos após 2014

Nº	Evento	Última edição (até o ano de 2014)	Edições até o ano de 2019
1	Arraial Cine Fest (Arraial D'Ajuda/Porto Seguro)	6ª edição 2013	7ª edição – 02 a 06 de fevereiro de 2015
			8ª edição – 29 de fevereiro a 4 de março de 2016
			9ª edição - 06 a 09 de março de 2018
			10ª edição – 01 a 07 de dezembro de 2019
2	CachoeiraDOC (Cachoeira)	5ª edição – 2014	6ª edição – 01 a 07 de setembro de 2015
			7ª edição – 06 a 11 de setembro de 2016
			8ª edição – 04 a 10 de setembro de 2017
3	Cine Kurumin (Aldeia Tupinambá Serra do Padeiro - Sul da Bahia)	3ª edição – 2014	4ª edição – 2015
			5ª edição – 2016
			6ª edição – 2017
4	FECIBA (Ilhéus)	4ª edição - 2014	5ª edição – 07 a 13 de junho de 2015 – Ilhéus
			6ª edição – 09 a 10 de abril / 13 a 15 de maio / 09 a 11 de junho de 2016 – Juazeiro / Feira de Santana / Itabuna
5	Mostra Cinema Conquista (Vitória da Conquista)	10ª edição - 2014	11ª edição – 04 a 09 de outubro de 2015
			12ª edição – 19 a 24 de novembro de 2017
			13ª edição – 04 a 09 de novembro de 2018
			14ª edição – 01 a 06 de setembro de 2019
6	Mostrinha de Cinema Infantil (Vitória da Conquista)	5ª edição – 2014	6ª edição – 09, 10 e 11 de outubro de 2017 / 18, 19 e 20 de outubro de 2017 (1 Mostra Juvenil)
7	Panorama Internacional Coisa de Cinema (Salvador)	10ª edição – 2014	11ª edição – 28 de outubro a 04 de novembro de 2015
			12ª edição – 09 a 16 de novembro de 2016
			13ª edição – 08 a 15 de novembro de 2017
			14ª edição – 11 a 21 de novembro de 2018
			15ª edição – 30 de outubro a 06 de novembro de 2019
8	Seminário Internacional de Cinema – Festival CineFuturo* (Salvador)	8ª edição – 2012	9ª edição – 26 a 31 de maio de 2015

Desses eventos que se mantiveram ativos após 2014, todos contaram, em algum momento, com incentivos públicos, principalmente os recursos dos editais de cultura do Estado. Mesmo assim, ao longo de suas edições, também tiveram que negociar diversos apoios e parcerias, seja do governo federal via Secretaria do Audiovisual, seja na captação de recursos municipais, de instituições culturais e educacionais, ou de empresas estatais, a exemplo da Petrobras, que patrocinou em determinado momento o Panorama Internacional Coisa de Cinema.

Nesta configuração de transformação do contexto cultural brasileiro, a partir do início dos anos 2000, em que as políticas culturais comparecem marcadas pela forte atuação do Estado, pudemos perceber a importância das mediações entre pessoas e instituições, entre trajetórias e práticas sociais na constituição de uma rede relacional que possibilitou, por meio dos aprendizados intergeracionais entre aqueles que sabiam fazer e os que queriam aprender, a continuidade de um percurso, mesmo que entre altos e baixos, de uma significativa presença de cinema na Bahia, seja no âmbito da produção seja no da difusão para além do circuito comercial de filmes. Esta avaliação certamente não pode desconsiderar as posições estratégicas que ocupavam Gilberto Gil e Orlando



Senna no contexto cultural, bem como a importância de suas atuações em definições e encaminhamentos no âmbito das políticas públicas para a cultura no país. Esse caminho analítico possibilitou, desde o início do trabalho de pesquisa, perceber que a tessitura contemporânea das práticas e trajetórias se torna reveladora do encadeamento relacional que viabilizou a transmissão dos saberes socialmente elaborados em dinâmicas nas quais os processos de aprendizagem incluem, por meio das vivências e incorporação de novos saberes, a reelaboração dos aprendizados.

Esta foi a base reflexiva do estudo desenvolvido sobre o Panorama Internacional Coisa de Cinema e a Mostra Cinema Conquista (15 edições e 14 edições até 2019, respectivamente) na pesquisa de mestrado intitulada “Festivais e Mostras de Cinema na Bahia Contemporânea” (COTRIM, 2017). O trabalho tornou possível melhor compreender as condições que possibilitaram a realização e permanência desses eventos, compreendendo as condições materiais de realização, levando em consideração tanto os aspectos estruturais, políticos e econômicos do contexto social de surgimento, quanto os aspectos simbólicos, que dizem respeito aos processos de formação cultural.

Panorama Internacional Coisa de Cinema

O Panorama Internacional Coisa de Cinema surgiu em Salvador, em 2002, e completou 15 edições em 2019. Foi o primeiro festival que apareceu na cena cultural baiana nos anos 2000 e, por isso, tornou-se invariavelmente um parâmetro de referência para outros eventos de exibição que surgiram nos anos seguintes. Seu surgimento resultou da paixão de Cláudio Marques (2016)¹⁷ pelo cinema. O realizador do festival exercia a função de crítico de cinema, ofício que aprendeu de forma autodidata. Conta que, pela necessidade de publicar suas críticas, criou o jornal *Coisa de Cinema* em 1995, que, patrocinado pelos amigos, circulou até 2002, mesmo ano da primeira edição do Panorama Coisa de Cinema.

Segundo Marques, a ideia de fazer um festival de cinema veio, especialmente, em decorrência do incômodo a ele causado pelo fechamento das salas de cinema em Salvador nos anos 1990, principalmente o Cine Glauber Rocha¹⁸, situado no centro histórico de Salvador, e, em contrapartida, da expansão no número de salas que funcionavam em *shoppings centers*.

¹⁷ Entrevista concedida em 9 de novembro de 2016 em Salvador, no foyer do Cine Glauber Rocha.

¹⁸ O Cine Glauber Rocha, situado na Praça Castro Alves, no centro de Salvador. Fora aberto no ano de 1919 com o nome de Cine Guarani, sala de cinema que permaneceu mais tempo aberta a capital baiana e que foi o endereço de diversos debates promovidos pelo Clube de Cinema da Bahia, cineclubes comandado por Walter da Silveira, realizador do primeiro festival de cinema da Bahia e do Brasil em 1951.



Outro fator determinante para a realização do Panorama foi o interesse de Marques em festivais de cinema. Tal gosto se encaminhou para experiência prática quando surgiu a oportunidade de conversar com o diretor de cinema Walter Salles, que o apresentou a Adhemar Oliveira¹⁹, pessoa atuante nos circuitos dos cineclubes e festivais de cinema no Rio de Janeiro. Esse encontro viabilizou as negociações que possibilitaram a reabertura do Cine Glauber Rocha, em 2008, como Espaço Itaú de Cinema, atual sede do Panorama.

Até 2007, a realização do festival foi ancorada no esforço do realizador e na energia dispendida por ele para criar uma equação possível, diante das dificuldades principalmente financeiras, já que ele contava com o suporte de algumas pessoas ligadas ao cinema e no âmbito institucional com a Diretoria do Audiovisual - DIMAS, setor da Fundação Cultural do Estado da Bahia. No entanto, com a reconfiguração do campo cultural que delineou outras possibilidades de captação de recursos. mediante editais estaduais de fomento para atividades culturais, a experiência do festival alcançou as condições de continuidade.

Segundo Marques (2016), é a partir de 2009 que o festival, na sua 5ª edição, tendo como sede o Cine Glauber Rocha, começa a melhor delinear as características que dariam o caráter das competições entre os filmes. Entre 2010 e 2011, 6ª e 7ª edição do evento, Marques relata que consegue captar recursos por meio do edital de demanda espontânea do Estado da Bahia, e isso proporciona uma significativa ampliação na programação do festival, tanto na programação dos filmes, quanto na oferta de oficinas. Relata, ainda, outro fator para continuidade do festival, o patrocínio da Petrobrás – Petróleo Brasileiro S/A, por meio da Lei Rouanet, em 2011, com um valor de R\$ 100.000,00 por edição. A partir de 2012 o festival é classificado pelo edital dos eventos calendarizados da Bahia, recebendo inicialmente o valor de R\$ 130.000,00 e posteriormente cerca de R\$ 300.000,00, o teto do edital, permanecendo este valor até o ano de 2019. Com esse suporte de recursos, passa a acontecer concomitantemente na cidade de Cachoeira, levando não só uma parte de sua programação de exibição de

¹⁹ Adhemar Oliveira participou da criação do Cineclubes Estação Botafogo em 1985, embrião do Grupo Estação, complexo de cinemas de rua do Rio de Janeiro, além de fazer programações em diversos outros cineclubes. Posteriormente, ajudou no surgimento da Mostra Banco Nacional de Cinema, em 1989, que, ao se juntar com o Rio Cine Festival, outro evento que acontecia no Rio de Janeiro, tornou-se o Festival do Rio, até hoje realizado. Essa foi uma das primeiras experiências em que um banco patrocinou uma ação da seara cinematográfica e foi com esse *know-how* que Adhemar, em 1993, conseguiu criar o Espaço Unibanco de Cinema em São Paulo, seguindo para diversas outras capitais ao longo do tempo. Sua empresa hoje forma uma rede de cinemas, a Cinespaço ou Espaço de Cinema, que em 2008 totalizava 72 salas, ficando em sétimo lugar entre os maiores exibidores do país. (Disponível em: <http://www.filmeb.com.br/quem-e-quem/distribuidor-exibidor/adhemar-oliveira>. Acessado em: 5 de dezembro de 2016).



filmes para o Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo – CAHL/UFRB, mas também, atividades de formação.

Mostra Cinema Conquista

A Mostra Cinema Conquista surgiu em 2004, em Vitória da Conquista, no Sudoeste da Bahia, e completou 14 edições no ano de 2019, segundo o seu realizador, Esmon Primo (2016)²⁰ – só não foi realizada em 2005 e 2016²¹, por falta de recursos financeiros. A Mostra, assim como o Panorama, concentra suas atividades de exibição e de formação, uma vez por ano, durante cinco dias. Também surgiu num contexto em que a política baiana para o cinema e audiovisual era praticamente inexistente. Se na capital já era difícil viabilizar um evento de exibição, no interior do estado o desafio era maior. A possibilidade de sua realização se deu na articulação institucional entre a Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, bem como do apoio de algumas empresas privadas da cidade e da fundamental contribuição de Cláudio Marques na elaboração e desenvolvimento do projeto.

A trajetória de Primo foi um importante fator para que se lograsse êxito na arrecadação dos recursos, uma vez que, desde os anos 1990, estava inserido no seio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, participando de projetos na área do cinema e audiovisual promovidos pelo Programa Janela Indiscreta Cine-Vídeo e pela Produtora Universitária de Vídeos – ProVídeo.

Primo se estabeleceu em Vitória da Conquista em 1984, passando a trabalhar na UESB em 1991, cedido pela Secretaria de Agricultura do Estado, instituição em que ingressou via concurso público, à Secretaria de Educação. Através de amigas constituídas, logo estava inserido no meio artístico da cidade. Relata que ainda na década de 1970, enquanto morava em Salvador, esteve em algumas exposições que aconteceram na Sala Walter da Silveira, em edições da Jornada de Cinema da Bahia. Porém, não se pode analisar sua vinculação com o cinema sem tratar do seu encontro Jorge Luiz Melquisedeque²², um dos fundadores do Janela Indiscreta Cine-Vídeo e da

²⁰ Entrevistas feitas em 2 de setembro de 2016 e em 11 de outubro de 2016, em espaços diversos na cidade de Vitória da Conquista.

²¹ Em 2016, a Mostra Cinema Conquista não foi realizada em decorrência de certos desarranjos formais com relação à não adequação às exigências da Secretaria de Cultura do Estado para os eventos vinculados ao edital de calendarizados da Bahia. Todavia, participa desse edital lançado no mesmo ano e, por ter sido aprovado (com apenas mais um festival, o Panorama Internacional Coisa de Cinema), garante realização por mais três anos.

²² Jorge Luiz Melquisedeque da Silva, mesmo antes de se engajar no mundo da sétima arte, já era uma pessoa ativa na cena cultural conquistense, organizando projetos relacionados a literatura, poesia, música e teatro. Foi o primeiro funcionário efetivo da Faculdade de Formação de Professores de Vitória da Conquista (1972), núcleo educacional que deu origem à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Participou da experiência do Clube de Cinema Glauber Rocha (1975), e foi a partir dessa experiência que Melquisedeque estruturou o projeto Janela Indiscreta Cine-Vídeo (1992), com a programação de



Produtora de Vídeo da UESB (ProVídeo). Melquisedeque era um cinéfilo, que teve em seu percurso, diversas leituras especializadas de filmes, que remetem à experiência de participação no Clube de Cinema Glauber Rocha, criado em 1975 na cidade.

As atividades da ProVídeo e do Janela Indiscreta viabilizaram a movimentação do cinema e do audiovisual em Vitória da Conquista na década de 1990, criando na universidade importantes espaços para pensar cinema e audiovisual na região sudoeste da Bahia. É a partir do convívio entre Primo, Melquisedeque e de outras inúmeras pessoas que questões do cinema e do audiovisual são pautadas e acontecem na instituição e na cidade. A exemplo de um importante acontecimento em 1997, qual seja: a oportunidade de acompanhar as filmagens do filme *Central do Brasil*, lançado em 1998, filme que marcou, como outros, a reconhecida Retomada do cinema brasileiro (ORICCHIO, 2003). Walter Salles, o diretor do filme, estava na cidade com sua equipe. A Prefeitura, nesse momento sob a gestão do Partido dos Trabalhadores, e a Universidade, que também estava sob um reitorado vinculado ao PT, colaboraram com a produção do filme, viabilizando, entre outros apoios, as condições de hospedagem e alimentação da equipe envolvida nas filmagens. O registro feito desta ação resultou no vídeo *Central Conquista Brasil: os 7 dias da criação*, com roteiro de Marcelo Lopes (baseado nas crônicas feitas por Melquisedeque sobre o período) e direção de Esmon Primo.

Relata Primo (2016) que o projeto de fazer uma mostra de filmes na cidade surgiu em uma conversa entre Melquisedeque e Walter Salles naquela oportunidade. O formato de mostra para um evento de exibição de filmes foi sugerido por Salles, principalmente por considerá-lo mais barato e menos complexo. Entretanto, a morte prematura de Melquisedeque, em 2001, inviabilizou por um tempo o projeto de realização de uma mostra de filmes na cidade. O projeto só seria retomado quando foi apresentado a Cláudio Marques, no momento em que o Panorama Internacional Coisa de Cinema estava no início do seu percurso.

O projeto da Mostra Cinema Conquista saiu do papel a partir desse encontro entre Primo e Marques. Foi, naquele momento, início dos anos 2000, depois da realização da primeira edição do Panorama Internacional Coisa de Cinema, quando Marques se tornou uma referência na produção de um festival de cinema na Bahia. Contribuindo com sua experiência, principalmente no que diz respeito aos contatos que tinha com outras pessoas da área de exibição e com realizadores de obras audiovisuais regionais, nacionais e internacionais, viabilizou, a partir da atuação de Primo, especialmente no

sessões comentadas de filmes no campus da Universidade em Vitória da Conquista. O Janela Indiscreta completou, em 27 de novembro de 2021, 29 anos de atuação ininterrupta dentro e fora da universidade.



levantamento dos recursos, a parceria para a primeira edição da Mostra Cinema Conquista. Uma evidência dessa participação de Marques é o fato de a Mostra Cinema Conquista, nas suas duas primeiras edições, ter exibido também filmes estrangeiros. A partir da 3ª edição, em 2007, a mostra passou a focar nas produções nacionais e encontrou amplo respaldo especialmente no crescimento da produção cinematográfica brasileira, que também esteve presente majoritariamente desde a primeira edição. Nesse mesmo ano, o projeto da Mostra foi aprovado no edital de cultura da empresa de telefonia Oi, e recebeu o prêmio de 178 mil reais. Em função desse aporte, promoveu a exibição de oitenta e cinco filmes, entre longas e curtas-metragens, superando em muito as cinquenta obras exibidas na edição anterior (PRIMO, 2016).

A partir de 2013 a mostra consegue aprovação no edital dos eventos calendarizados, garantindo sua realização até o ano de 2019 e recebendo, desde 2016, o teto de recursos do edital, trezentos mil reais, fato que torna possível diversas ampliações, seja de número de sessões, número de títulos ou das atividades de formação. Acompanhando as programações da Mostra, percebemos que, a cada ano, ocorreu a realização das atividades de formação com a promoção de seminários, oficinas, palestras, mesas-redondas e lançamentos de livros. Em 2008, na sua quarta edição, ampliou as sessões de exibição para o *Cine-Tenda*, espaço montado em uma praça pública da cidade, e também deslocou parte da programação fílmica, com o *Cine-Cidadão Itinerante*, promovendo exibições nas escolas municipais dos dez distritos da região.

Analisando o percurso deste evento, conseguimos visualizar seu legado cineclubista e o investimento tanto na formação de público para o cinema brasileiro, como na realização de atividades de formação que pautaram inúmeras questões acerca do cinema no Brasil, suas histórias, memórias e suas perspectivas, bem como o papel das mostras e festivais na constituição de um circuito alternativo de exibição para a ampla produção fílmica brasileira e baiana.

Durante a realização da pesquisa, foi possível perceber uma importante relação entre as atividades desenvolvidas em Vitória da Conquista e os aprendizados de cinema vivenciados em Salvador, por um dos fundadores do Clube de Cinema Glauber Rocha²³,

O Clube de Cinema Glauber Rocha surgiu em Vitória da Conquista – Bahia, em 1975, a partir da iniciativa de um grupo de cinéfilos, entre os quais encontravam-se duas pessoas com experiências vivenciadas anteriormente em outros cineclubes. O primeiro deles foi Fernando Martins de Souza, que durante o seu período de formação na Universidade Federal da Bahia frequentou as sessões de cinema promovidas no Clube de Cinema da Bahia. O segundo, Pedro Bittencourt, trazia a experiência das sessões de cinema promovidas no Clube de Cinema do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e também das sessões do clube de cinema da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). O Clube de Cinema Glauber Rocha juntou essas pessoas e possibilitou a participação de outras tantas, funcionando em Vitória da Conquista até 1980.



em 1975, que trazia no bojo da sua organização a experiência de Fernando Martins no Clube de Cinema da Bahia, durante o período em que cursava a Faculdade de Ciências Contábeis na Universidade Federal da Bahia. Martins fez amizade com Guido Araújo e André Setaro e os convidou para comentários nas sessões conquistenses de exibição do clube de cinema.

Posteriormente, Melquisedeque e Primo também viabilizaram as presenças de Araújo e de Setaro, seja nas sessões promovidas pelo Janela Indiscreta ou nas atividades de formação da Mostra Cinema Conquista. Tais interlocuções, entre agentes de distintas gerações envolvidos na promoção do cinema brasileiro e baiano, viabilizou encontros singulares. Esses encontros foram destacados no percurso reflexivo da pesquisa, pois referem-se às relações que estruturaram os processos de significação constitutivos de práticas e trajetórias sociais, reveladoras dos dispositivos de aprendizado e dos formatos de transmissão de conhecimentos que atuaram e continuam atuando nos circuitos de produção e de consumo audiovisual. Nesses circuitos, sociabilidades e expressões agenciam símbolos de pertencimento na interface de redes que promovem mediações entre agentes comprometidos com a realização dos eventos, que por sua vez só se tornaram possíveis a partir de ações do estado, em período específico, na formulação de políticas de fomento para difusão cinematográfica no país.

Considerações finais

As reflexões aqui apresentadas são tributárias da condição contemporânea que possibilitou a ampliação dos circuitos de exibição no país. Sua inspiração está respaldada na compreensão eliasiana que trata do processo de constituição do conhecimento (percepções, incorporações e instituições) como o saber social modulado em relações cotidianas e que desempenha papel decisivo na expressividade de grupos humanos, uma vez que a interpenetração dos relacionamentos informa as afetividades e os dispositivos de conhecimento e comunicação entre os indivíduos que apreendem e significam as suas experiências em processos de aprendizados intra e intergeracionais (ELIAS, 2006).

Em se tratando do percurso de realização dos festivais, jornadas e mostras de cinema na Bahia, compreendemos que esse constitui uma dinâmica que se estrutura no Brasil e também no mundo, mas que certamente se realiza a partir das condições singulares de encontros entre pessoas interessadas, que encontram respaldo nas figurações de cinema dos anos 1950/1960, período em que se concretiza a ocorrência do cinema moderno no Brasil, sendo a cidade de Salvador um dos principais ambientes para suas expressões. Além disso, uma nova onda da realização desses eventos de



exibição ocorre a partir dos anos 2000, quando se testemunha a Retomada da produção cinematográfica brasileira, mas também se constata a inegável atuação do Estado brasileiro e suas diferentes instituições (secretarias, bancos públicos, agências reguladoras) como um dos principais agentes que organizam e dinamizam as ambiências culturais no país, exatamente nas gestões dos baianos Gilberto Gil e Juca Ferreira no Ministério da Cultura e de Orlando Senna na Secretaria do Audiovisual – fator que coloca novamente a cidade do Salvador no centro das atenções nas questões que diziam respeito à cultura. Percebe-se, nesta teia relacional, como diria Norbert Elias (2006), uma ordem sequencial das experiências geracionais portando significados importantes para o padrão de aprendizagem transmitido de geração em geração, na qual se constata que saberes apreendidos em experiências anteriores foram reforçados nas gerações posteriores. Essa interdependência relacional é expressa nas vivências de cinema e nos processos de aprendizagem transmitidos pelas trajetórias e práticas nas redes compostas por organizações e instituições que estão ligadas a certos circuitos de produção e exibição, possibilitando formas de sociabilidade marcadas pela preocupação com os conteúdos formativos do cinema e do audiovisual. Em outras palavras, pode-se dizer, de forma mais direta, que há, nesse percurso específico de aprendizagem entre essas gerações, uma preocupação em criar espaços de formação onde seja possível outros aprendizados e manifestações culturais, bem como ações e discussões para formulação de políticas públicas que descentralizem a produção simbólica e assegurem a diversidade cultural.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996a.

COTRIM, Tamara Chequer. *Festivais e mostras de cinema na Bahia contemporânea: memória e processos de formação cultural*. 2017. Dissertação (Mestrado em Cinema, Memória e Processos de Formação Cultural) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *Escritos e Ensaios: Estado, processo e opinião pública*. Vol 1. Organização e apresentação de Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.



GOMES, Paulo Emílio Sales. *Crítica de cinema no suplemento literário*. Vol. II, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GUSMÃO, Milene de Cássia Silveira. *Dinâmicas do cinema no Brasil e na Bahia: trajetórias e práticas do século XX a XXI*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GUSMÃO, Milene. *Circuitos alternativos de exibição: um mapeamento a partir das políticas públicas de incentivo para cineclubes, mostras e festivais de cinema na Bahia contemporânea*. Relatório Parcial de Pesquisa. Vitória da Conquista: UESB/ Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

HOBSBAWM, Eric. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

MARQUES, Cláudio. *O Panorama Coisa de Cinema*. Entrevista. [19 de novembro de 2016]. Entrevistadora: Tamara Chéquer Cotrim. Salvador, 2016, 60 min.

NOGUEIRA, Cyntia (org). *Walter da Silveira e o cinema moderno no Brasil: Críticas; Artigos; Cartas; Documentos*. Salvador: EDUFBA, 2020.

ORICCHIO, Luiz Zanin. *Cinema de novo: um balanço crítico da Retomada*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

PRIMO, Esmon Vieira. *A Mostra Cinema Conquista*. Entrevista [12 de setembro 2016 e 11 de outubro de 2016]. Entrevistadora: Tamara Chéquer Cotrim. Vitória da Conquista, 2016, 180 min.

VIEIRA, Mariella e GUSMÃO, Milene. “O mercado audiovisual brasileiro, o circuito alternativo de exibição, as mostras e festivais de cinema na Bahia contemporânea”. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 53, n.1, jan./abr. 2017, p. 36-45.

ZANNATO, Rafael Morato. “O I Festival Internacional de Cinema do Brasil (1954)”. *Aniki – Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, v. 8, n 1, 2020, p. 101-130.

Submetido em 22 de julho de 2021 / Aceito em 08 de novembro de 2021.